



“A GRANDE FAMÍLIA”: UMA ANÁLISE SEMIOTICA DOS CENÁRIOS COMO REFLEXO DA IDENTIDADE BRASILEIRA¹

Larissa dos Santos Clemente²

Danilo Benício Piva

Gustavo Candido Magela

Ivan Vinícius da Silva

Maria Ester da Silva Pires

Johransen de Freitas Mendes Pinto

Glauber Soares Junior

Fabiano Eloy Atílio Batista

RESUMO: De acordo com pesquisas desenvolvidas por Andrew e Ottoni (2002), Jakobson (2007) e Garcia (2011), a cenografia desempenha um papel fundamental na construção de uma narrativa, especialmente no cinema e na televisão, pois ela é responsável por criar o ambiente visual que dá vida às histórias. Sendo assim, mais do que simples decoração, ela define o espaço onde os personagens se movem e interagem, influenciando a atmosfera e o roteiro das cenas. Através da escolha de elementos que compõem os cenários – objetos, adornos e cores – a cenografia contribui para a construção de narrativas visuais, cuja finalidade é imergir o público e reforçar a identidade estética presente nas produções, assim, são dadas características que definem, por exemplo, certos estereótipos que definem o ser o rico, e o ser pobre; elementos típicos que caracterizam o brasileiro ou estrangeiro, entre outras questões (Jakobson, 2007; Garcia, 2011). Partindo dessas premissas, o objetivo deste texto é realizar uma leitura semiótica de um cenário da série “A Grande Família” da Rede Globo, buscando entender as denotações – descrições do que é visto – e conotações – o que os elementos podem significar (Penn, 2015) dos elementos que compõem o ambiente, para inferir a respeito de como os elementos indicam marcas identitárias da sociedade brasileira. Através do estudo dos elementos visuais presentes neste cenário, busca-se compreender de que forma esses ambientes refletem valores, costumes e particularidades culturais do Brasil, contribuindo para construção de

¹ Trabalho apresentado na 2ª Semana Eva Nil de Cinema – Mulheres no Cinema, realizada de 23 a 27 de setembro de 2024 pelo curso de Tecnologia em Cinema e Animação da UEMG/Ubá/Cataguases.

² Graduanda do curso de Design na Universidade do Estado de Minas Gerais, unidade Acadêmica Ubá.



uma representação verossímil do cotidiano de parte da população brasileira. Como destacado por Howard (2017, P. 15) “[...] o espaço é parte do vocabulário cenográfico”, e assim, existe nos cenários a representação conotativa que trabalha em lapidar o “peso” da cena ou em realçar os traços mais marcantes dos personagens. Camargo (2000, p. 49) complementa essa afirmativa quando diz que “uma coisa é representar (‘estar em lugar de’, ‘fazer o papel de’) (...) outra coisa é entender qual é a finalidade de tal representação em contextos mais amplos”. Na série brasileira “A Grande Família” original de 1972-1975 e reinterpretada de 2001-2014, os dilemas da família de Lineu Silva (Marco Nanini), sua esposa, filhos e genro se ambientavam em uma casa do subúrbio do Rio de Janeiro, tida como de classe C. Buscando por analisar símbolos associados a essa população brasileira, o cenário do episódio “O Velho Gostoso”, exibido na temporada de 2001, explorava objetos de decoração como uma coleção de pratos que imitavam a cerâmica portuguesa junto a imagem de uma Nossa Senhora, um relógio decorado com dois gansos pendurados ao lado de um quadro com aplicação de peixe, decorações essas que evocavam na mente do telespectador um processo de significação, que para alguns, permite reconhecer-se. Esses objetos podem ser interpretados como signos, ou seja, algo que está em um lugar e sinaliza outra coisa (Peirce, 1974). Nesse processo de reconhecimento de signos, o arcabouço individual é parte da tríade interpretativa, pois, as vivências pessoais vão permitir que haja ou não reconhecimento do que está sendo representado. Esses elementos separadamente podem não ter essa conotação, mas quando amalgamados em uma casa, faz com que sejam representados traços da vivência cotidiana da população figurada. Deste modo, o design de ambiente da série se valia dos objetos e costumes tradicionais de uma sociedade (Lemos, 1989). Assim, pessoas que possuíam vidas cotidianas similares da narrativa, podiam se identificar pela representação de seus objetos e tradições. Embora como elucida um signo poça produzir efeitos distintos ao ser diversificado, quando contextualizado, como no caso da série aqui analisada, os elementos do design de ambientes trabalham com a representação icônica, ou seja, de similaridade, dos objetos reais da casa brasileira de parte da população, em que, a sobreposição de cômodos em um mesmo espaço e a tipologia de ornamentos e móveis, são indicativos de casas populares da nação. Nesse direcionamento, a personagem Nenê (Marieta Severo) ainda mantém em suas coleções, coisas compradas em lojas populares,



presentes dados por familiares e amigos e objetos herdados de gerações, fazendo o que Lemos (1989) diz como destaque do local de estar (viver, habitar), onde tudo é mantido de forma unida. Assim sendo, podemos perceber que no nível do interpretante dinâmico, um cenário pode se relacionar ao telespectador e incitar uma ação mental de entendimento não só do audiovisual como a atuação, mas também como elemento visual capaz de comunicar e representar um cenário de uma casa popular, que dialoga com o entendimento e vivência de milhares de brasileiros.

Referências

A GRANDE FAMÍLIA. O Velho Gostoso. Direção: Maurício Farias. Rio de Janeiro: Rede Globo, 2001. Episódio da série A Grande Família, 1ª temporada.

ANDREW, J. D.; OTTONI, Teresa (tradução). **As principais teorias do cinema:** uma introdução. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2002.

CAMARGO, R. G. **Função estética da luz.** São Paulo: Perspectiva, 2012. 192 p. ISBN 978-8527309646

FABRI, H. J. P. O jeito kitsch de morar em ‘A Grande Família’: a representação da classe C na televisão brasileira. In: **Anais do 14º Encontro Anual da COMPÓS,** São Paulo: Galoá, 2005.

GARCIA, S. **Arquitetura do espaço cenográfico:** cinema e ficção científica. São Paulo: Blucher Acadêmico, 2011.

HOWARD, P. **O que é cenografia?** Tradução de Carlos Szlak. São Paulo: Edições Sesc, 2015. 280 p. ISBN 978-8579951695.

JAKOBSON, R. **Linguística, poética, cinema.** São Paulo: Perspectiva, 2007.

LE MOS, C. A. C. **A casa brasileira.** São Paulo: Contexto, 1989.

PEIRCE, C. S. **A semiótica de Charles Peirce.** Tradução de Lucia Santaella. São Paulo: Perspectiva, 2005.

PENN, G. **Análise semiótica de imagens paradas.** In: BAUER, M. W; GASKELL, G (ed.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 319-342.